

RECANTO AIROSO NUM MUNDO DIFUSO: CUIDANDO DA TOLERÂNCIA NUMA OFICINA DE ALTERIDADES NO CONTEXTO DO ENSINO- APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA

Éverton Donisete Barbosa de Moraes¹

RESUMO:

A intolerância em curso nas escolas brasileiras não brota do acaso - parece estar intimamente relacionada à recente conjuntura político-econômica do país. Ideários extremistas - ensimesmados em posições supremacistas - alimentam o maniqueísmo político e retóricas da distinção nós e eles, bons e maus, puros e depravados. Um modelo econômico que reproduz individualismo e meritocracia também pode contribuir com o alargamento deste cenário. Um ensino de Filosofia dogmático e moralizante - mesmo sendo racionalmente fundamentado - parece não favorecer uma intervenção que visa alcançar uma vida escolar mais aprazível. Um possível ponto de partida com contundência necessária para encarar este problema estaria na prática pedagógica que considera não apenas os aspectos racionais - mas que também cuida da dimensão sentimental-afetiva-passional da comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Intolerância - afetos - diálogo - alteridade - aprazível - oficina - ensino-aprendizagem de Filosofia

*AIRY CORNER IN A DIFFUSE WORLD: TAKING CARE OF TOLERANCE IN A
WORKSHOP OF OTHERNESS IN THE CONTEXT OF PHILOSOPHY TEACHING-
LEARNING*

ABSTRACT: The ongoing intolerance in Brazilian schools does not arise by chance - it appears to be closely related to the country's recent political-economic situation. Extremist ideas - self-absorbed in supremacist positions - fuel political Manichaeism and rhetoric of the distinction between us and them, good and bad, pure and depraved. An economic model that reproduces individualism and meritocracy can also contribute to the expansion of this scenario. A dogmatic and moralizing teaching of Philosophy - even though it is rationally founded - does not seem to favor an intervention that aims to achieve a more pleasant school life. A possible starting point with the necessary strength to face this problem would be in the pedagogical practice that considers not only the rational aspects - but that also takes care of the sentimental-affective-passionate dimension of the school community.

¹ Graduado em Filosofia pela PUC-MG. Especialista em Ensino Especial (UNEB). Mestrando em Filosofia (UnB-Prof-Filo). Professor de Filosofia na SEE-DF..

Keywords: Intolerance - affections - dialogue - otherness - pleasant - workshop - teaching-learning Philosophy

Este texto emerge de minhas inquietações enquanto professor de Filosofia na rede pública de educação básica (desde 2003). Ultimamente pululam relatos e notícias de intolerância em escolas de educação básica. Não é só uma percepção isolada: pesquisas acadêmicas também apontam esta percepção (CARA et al., 2022). Penso que este expansivo cenário não é fruto do acaso - mas está intimamente ligado a nossa conjuntura política atual. Um discurso político baseado no ódio, no negacionismo e no extremismo - facilmente encontrado em comentários expostos em sites de notícias, redes sociais e até nos palanques de lideranças políticas expressivas - acaba encontrando seus ecos em diversos setores da sociedade, inclusive naquele que em tese deveria ser um ambiente erigido sobre o diálogo e a tolerância: a escola. Como as instituições escolares não são ilhas isoladas do continente social acabam sendo afetadas por realidades que começam fora dela. Um modelo econômico embasado no individualismo e na meritocracia também pode contribuir com o alargamento deste cenário.

Benevides (2016, p.22) aponta, na sociedade brasileira dos dois últimos decênios, o incremento de “um processo de intolerância e ódio decorrentes de posições político-partidárias extremadas que comprometem a cidadania democrática e o Estado de Direito”. Já a prática docente e pesquisas acadêmicas percebem (CARA et al., 2022) que estes processos de ódio-intolerância adentraram os muros da escola, afetando o cotidiano escolar e seus agentes. Esta realidade tem enredado situações que tornam o exercício docente ainda mais desafiador, principalmente quando se soma à intolerância as demais mazelas estruturais que há décadas fazem parte do cotidiano escolar brasileiro.

1 - Cenários intolerantes constrangendo o ofício docente

O Brasil tem, e não é de hoje, índices preocupantes de violência física e verbal contra seus professores (CHÉROLET, 2023), mas atualmente percebe-se a chegada de

um elemento ideológico que tem tornado este cenário ainda mais desafiador. Relatos da prática docente mostram que colegas professores têm até mesmo evitado tocar em algumas temáticas rotuladas como mais polêmicas, para assim evitar certas tensões e mal-entendidos que poderiam convergir para conflitos e violência. Não são raros casos de professores que foram perseguidos, constrangidos, censurados, demitidos, execrados - e até mesmo agredidos - por apresentarem durante o exercício docente algum conteúdo ou mesmo ponto de vista. Neste cenário lecionar se torna um ofício carregado de periculosidade e o docente, além de lidar com os velhos problemas estruturais da educação brasileira - como baixos salários, jornadas extenuantes e condições materiais incipientes - tem agora que conviver com um mal estar crescente por ser imaginado como inimigo ideológico.

Até a vestimenta escolhida pelo professor pode apresentar algum tipo de risco em sua atuação profissional. Em Aparecida de Goiânia-GO uma professora foi demitida por publicar em rede social foto vestindo uma camiseta estampada com a premiada gravura “*seja marginal, seja herói*”, do artista plástico brasileiro Hélio Oiticica. A demissão sumária acontece após o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO) criticar a vestimenta da profissional, classificando-a como “roupa de esquerdista” (ROCHA. 2023). Estes casos de intolerância contra o exercício docente podem ir desde embaraços até verdadeiros linchamentos morais, havendo ainda casos mais extremos que envolvem agressões verbais e físicas. Trago o relato de outra professora, desta vez de São Paulo-SP, descrevendo como estes processos de intolerância têm impactado em seu ofício:

Eu fui para uma sala do ensino médio onde os alunos são Bolsonaro, porque os pais são eleitores deles. Aí a gente conversando sobre política ficou tenso. A ponto de eu não conseguir entrar na sala de aula depois. A sala não tem me recebido bem. Um dos alunos que estavam na discussão cabulou (sic) uma aula minha. O outro ficou jogando ‘indiretinhas’ conversando com outro amigo. (GUIMARÃES. 2010. p. 1)

Não só a atuação docente sofre nestes contextos intolerantes: onde a intolerância tem ganho o jogo toda comunidade escolar de alguma forma perde muito - perde até talvez seu maior benefício que é o espaço escolar mais democrático e inclusivo. A intolerância

é um fenômeno que pode ser comparado à medusa - o famoso monstro mitológico da Grécia antiga: face sedutora, mas desta mesma cabeça sai uma língua ferina capaz de inocular as piores peçonhas. Completando o quadro medonho como cabelo este monstro possui dezenas de serpentes enlouquecidas e frenéticas, que se contorcem em busca de mais vítimas para seu ódio gratuito e inesgotável. A educação, desenraizada de concepções inclusivas e humanizadoras, pode se tornar como a cabeça da medusa: ser hospedeira de contextos e processos de intolerância e suas violências.

Como consequência mais aguda desses contextos intolerantes na escola está a onda de ataques que jovens promovem contra unidades educacionais brasileiras, deixando inúmeras vítimas, inclusive fatais. Nos últimos 20 anos foram contabilizados 25 ataques que deixaram 139 vítimas diretas: 46 fatais e 93 feridos. Armas de fogo foram usadas em 48% dos casos e causaram 76% das vítimas fatais (CASO, 2023). Estes eventos eram extremamente raros, mas a partir de 2019 começam serem mais comuns e seguem em tendência de alta, sendo que a maior parcela de autores é composta por alunos (59%) ou ex-alunos(33%) (LANGEANI, 2023, p.4-9). Entre os fatores que provocam estas ações violentas estão as bolhas digitais que emulam e replicam - num ambiente sem qualquer forma de controle - o discurso de demonização do outro. Uma maior facilidade ao acesso à internet e redes sociais e a crescente propagação desenfreada de fake news incrementam também este cenário. A chamada inclusão digital, tão preconizada como necessidade e bem-estar social, parece ser expoente de mazelas se não crescer acompanhada de uma postura mais crítica. Como verdadeiras seitas virtuais se tornam viveiros do ódio, alimentando cotidianamente todo tipo de preconceito e intolerância. Estes grupos reúnem jovens com um certo perfil ideológico-social:

Os alvos de cooptação pelo discurso de extrema-direita são majoritariamente adolescentes brancos e heterossexuais, e a misoginia exerce um papel crucial no processo. Frustração sexual e raiva do mundo, dentre outros processos típicos da adolescência, são mobilizados em espaços de discussão online onde muitos desses jovens se reúnem para desabafar ditas frustrações e confraternizar. Não à toa, mulheres são alvos frequentes de atiradores em massa.

2 - Intolerância escolar e ascensão da extrema direita

Numa análise mais sociológica a intolerância teria suas raízes numa ideia de supremacia: quando um grupo social - nutrido por ideologias baseadas no ódio e na discriminação - se sente justificado para oprimir, atacar e até mesmo assassinar aqueles que são demonizados pelas crenças grupais. Existe um movimento não só para reificar - mas principalmente para anular o outro, visualizando-o como o desprezível que precisa ser deletado ou atacado simplesmente por existir e representar tudo aquilo que a ideologia exige esmagar. Estas performances intolerantes possuem também um caráter propagandístico, pois acreditam que este ato dará mais visibilidade para a causa e trará novos adeptos para o sistema de crenças compartilhado pelo grupo.

O modelo de sociedade que predomina no Brasil atual parece favorecer o aumento deste sentimento intolerante e suas vazões na escola. Uma sociedade cada vez mais enviesada por uma racionalização neoliberal, que hipertrofia o individualismo e a meritocracia e atrofia aspectos coletivos-solidários torna-se sementeira propícia para todas as formas de intolerância. Na escola o ensejo de uma pedagogia individualista e meritocrática - baseada no Você S.A. - pode deixar o estudante cada vez mais ensimesmado e pouco aberto à alteridade. Neste cenário o estudante se torna “exército de um homem só” e aprendiz de empreendedor individual, tentando vencer num mundo onde “só os mais fortes sobrevivem”.

Do individualismo ideológico dos coaches para a intolerância doentia e violenta há um trajeto não tão longínquo. No caso brasileiro pode-se somar a estas tendências individualistas e meritocráticas outras tendências de flerte com o autoritarismo. Há na sociedade - que não quer pensar soluções mais laboriosas e coletivas - uma certa aposta no modelo autoritário como solução fácil, rápida e eficaz para nossas velhas mazelas sociais.

Tentando tatear saídas que animadas pela Filosofia de Emmanuel Levinas, pode-se começar a reflexão percebendo a intolerância como a morte da alteridade. Ao efetivar a intolerância abre-se um caminho para a morte, uma morte colocada pelo endeusamento do eu e dos outros que são como eu. Se reconheço o outro apenas como o *não-eu* perco do olhar sua dignidade intrínseca. A educação ocidental, fruto de movimentos que

endeusam a racionalidade - como o iluminismo, a revolução científica moderna e a revolução industrial - concebe o estudante apenas como sujeito racional apto a aprender, priorizando neste processo apenas aspectos cognitivos individuais e desprezando a emergência passional-afetiva tão característica dos seres humanos. Uma educação que só se agarra aos aspectos racionais pode também elevar em demasia os aspectos individualistas e gerar como produto posturas sem alteridade. Uma educação que preconiza aspectos afetivos-passionais que fazem o estudante refletir sobre seus sentimentos, impulsos e paixões, pode ajuda-lo a entender que viver não é apenas girar em torno de si mesmo.

Se há uma sacralização do indivíduo e da competição o outro não é mais considerado como sujeito digno com quem convivo respeitosamente, mas sim adversário a ser batido e obstáculo que pode atrapalhar a realização de desejos e objetivos perseguidos a todo custo. A chegada de propostas educacionais mais afetivas e humanísticas, que trabalhem os valores da solidariedade, da tolerância e da convivência precisam ser alavancadas e sair do mero discurso e da propaganda. Sem pedagogias afetivas e humanísticas a escola corre o risco de se transformar em mera reprodutora do “todos contra todos” e do “salve-se quem puder” reinantes na arena meritocrática neoliberal.

O fenômeno crescente da intolerância violenta no ambiente escolar está também fortemente atrelado à ascensão da nova extrema direita no Brasil e no mundo. Ao recorrer à uma demagogia belicosa e maniqueísta - sempre evidenciando em suas narrativas este embate “do nós contra eles”, “do bem contra o mal”, “da moral contra a depravação”, “da verdade contra a mentira” ou mesmo “de deus contra o diabo” - a extrema direita cria em seus adeptos delírios kamikazes e justificativas de expurgos. Entre as cartas deixadas pelos jovens brasileiros e americanos que realizaram chacinas em escolas há uma espécie de imaginário autobiográfico comum: o mártir, puro e incompreendido, que realizou sua missão sagrada de desinfetar o mundo daqueles que não se encaixam no perfil dos adeptos das forças que defendo.

3 - A educação além da razão

Como lidar com esta intolerância violenta em nossas escolas? Diante de um obstáculo tão grotesco e desumano é possível pensar saídas, respostas? Como ensejar intervenções que não soem como mais um processo moralizador efetivado pelo ensino de Filosofia? O ensino de Filosofia pode colaborar no enfrentamento desta grave ameaça sem passar por soluções dogmáticas e moralizadoras que destoariam de uma concepção libertária de ensino de Filosofia? Penso que a função da Filosofia não é arranjar soluções exatas, mas pensar dentro de comunidades investigativas que tentam vislumbrar pontos de partidas que não deixem a vontade de pensar adormecer. Se um racionalismo exacerbado parece não consegue cuidar de todas as esferas da vida humana é permitido pensar em trazer para a escola perspectivas pedagógicas alicerçadas na afetividade e que considerem os aspectos sensíveis na relação ensino aprendizagem. E para reforçar esta perspectiva trago a noção de docência como sedução pedagógica.

Na história da educação ocidental quase sempre imperou certa supremacia dos interesses e padrões sociais sobre a autonomia individual (BACHA, 1999, p.45). Com a modernidade a educação - entendida como expressão da sociedade - foi concebida para ser racional. Neste sentido as paixões individuais - entendidas como fruto da alcunha íntima - são vistas como inconvenientes que deve ser expurgados. Na antiguidade grega (Idem, p. 43), mesmo já existindo certa tensão entre o social e o individual, essa incompatibilidade entre paixão e educação não era assim tão nítida, já que ciência e arte caminhavam ainda juntas. A música, por exemplo, era vista pelos gregos como expressão tanto passional como racional - e seu lugar naquela sociedade era o de interligar o transitório com o transcendente. Após a antiguidade essa relação da paixão com o conhecimento vai se esvaindo. Com exceção de Spinoza - que prega o amor intelectual pela substância - toda tradição filosófica moderna afirma o intelectual como determinante único na construção de conhecimento. Essa obsessão moderna pela primazia do intelecto pode ter origem na substituição da autoridade eclesiástica pela autonomia racional como referente social e individual.

Na modernidade a escola tornou-se compulsória. Nem por isso menos atacada. E, exceto por um excesso aqui ou ali, parece completamente avessa as tais

manifestações apaixonadas. Do banquete de Platão ao ágape Cristão, a educação foi se despojando das paixões e da sensibilidade para se tornar essa prática aspirante à cientificidade tão características dos nossos dias. Aspiration que inclui a crença de que sua função é a de formar miniaturas de sábios que ela mergulha, cada vez mais precocemente, nos austeros domínios do conhecimento”. (BACHA, 1999, p.44)

Surge a escola purgatório de paixões - “lugar da purificação característica da modernidade, que, em sua busca da objetividade, nutriu uma antipatia pelas paixões e pela sensibilidade, usando contra elas a atividade intelectual” (Ibidem, p. 43). No limiar do capitalismo a ciência já ganha um status de pedra de toque capaz de trazer certeza e ordem. O papel da ciência seria o de racionalizar processos - gerando lucro e progresso para a sociedade. Os afetos individuais são vistos como atraso infantil e egoísta. O movimento artístico e ideológico do Romantismo, iniciado ao final do século XVIII e que perdura por boa parte do século XIX, seria uma reação ao racionalismo e tecnicismo próprios da revolução industrial. Contrariando a tendência da época o romantismo privilegia as emoções, a subjetividade e o individualismo. Contrário ao objetivismo e cientificismo moderno os românticos apresentavam uma cosmovisão centrada no ser humano, com destaque para as sensações, os afetos e a liberdade de pensamento (NEDER, 2001, p.22).

Como reação a esta negação do individual e do passional na educação - própria da sociedade industrial - surgem no início do século XX escolas alternativas com opção exacerbada pelo individual, trazendo um novo modelo de educação calcada na liberdade total e na primazia do sensível sobre o racional. O caso mais famoso foi Summerhill (Ibidem, p.23), fundada em 1921 pelo educador Alexander Sutherland. Essa instituição experimental foi uma das pioneiras dentro do movimento das chamadas "escolas democráticas". Summerhill tornou-se ícone das pedagogias alternativas ao concretizar um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo. Summerhill ainda existe como rede de escolas, com mais de 200 unidades espalhadas mundo afora .

Laplanche, em sua obra *Problemáticas I: Angústia*, busca provar, através da ciência psicanalítica, que na formação do ser humano não se encontra uma oposição entre o individual-afetivo e o social-racional. Bacha descobre em Laplanche as bases para sua

defesa de uma educação como sensibilidade e sedução. Partindo da ideia de que é através do amor fornecido pela mãe que o bebê nutre sua autoconservação e estabelece amor próprio (Ibidem, p. 23) Bacha estabelece o afeto e a sensibilidade como bases para o desenvolvimento humano. A pesquisadora afirma que uma educação firmada apenas no aspecto social e racional se torna processo de adaptação, sugestão, idealização e repressão das expressões individuais - situação que o ser humano suporta com dificuldade. Já numa educação para a sensibilidade a relação entre o estudante e o conteúdo é permeada por afeto e sustentada pela paixão. Se eu gosto desse assunto debruço sobre ele com maior afínco e prazer.

Dentro deste novo modelo a educação torna-se processo de sedução. Num sentido pedagógico seduzir visa criar atração entre o estudante e o conhecimento. Sem esta sedução e paixão no processo de aprendizagem pode-se cair na repressão ou adaptação, gerando submissão. O ser humano possui força limitada para suportar uma constante submissão. Um constrangimento crônico presente no gesto de se submeter pode ser fonte de sérias patologias. Pensando na intolerância o professor precisa fazer essa mediação e propor o caminho pedagógico do encantamento, da sedução e da paixão como metodologia para apoiar o enfrentamento deste problema tão urgente.

Educar não é apenas prescrever, adestrar ou disciplinar; é seduzir, o que implica em iniciar o educando no cultivo de uma sensibilidade. A partir da paixão despertada pelo processo educacional, o educando desenvolve sua autonomia e singularidade. A aquisição de qualquer conhecimento ou habilidade passa a se subordinar, nessa perspectiva, ao desenvolvimento da criatividade, vista não na acepção tradicional, que a associa apenas às construções artísticas e intelectuais, mas como algo que deve fazer parte integrante do ser humano em todos os momentos, opondo-se à submissão, esta postura extremamente empobrecedora do ser diante da vida. (Ibidem, p. 25)

A aprendizagem no formato de uma oficina que estimula sensibilidades e paixões pretende ir na direção deste paradigma que valoriza a integralidade do indivíduo na educação - compreendendo o estudante não só como receptáculo de conteúdos estáticos, mas como ser único dotado de vontade, sentimentos e história de vida. A oficina parece ser este formato apropriado para configurar a educação como momento artesanal que considera o indivíduo e suas particularidades. O estudante, dentro do paradigma da

sensibilidade, é o autor do seu processo emancipatório - processo este que o exige por inteiro, incluindo aí sua corporeidade, sentidos e sentimentos. O professor funciona como mediador que aponta para caminhos envolventes e sedutores que podem transformar o assunto estudado em verdadeiro objeto de paixões.

4 - A oficina do pensar segundo Kohan

Na correria do cotidiano escolar muita coisa importante deixa de ser trabalhada por falta de tempo ou de espaço no próprio currículo escolar. Mas falar de intolerância se faz essencial, já que este problema tem desafiado cada vez mais o ofício docente e o cotidiano escolar. A intolerância pode ser um fenômeno abrupto ou sutil, mas em todos os casos deixa marcas por onde passa. Pensar uma intervenção que trata o tema da intolerância com rigor e criatividade parece ser uma tarefa que o ensino de Filosofia tem condições de efetivar, desde que não descambe para respostas dogmáticas e discursos moralizantes. Sair do modelo da aula tradicional - como propõe Kohan (2020) - e apostar no modelo da oficina do pensar poderia funcionar como este formato mais apropriado para motivar a reflexão sobre uma temática tão urgente. Mas quando Kohan fala da oficina do pensar ele pensa num problema em particular: a própria noção de aula de Filosofia na educação básica é problemática. É possível existir aula de Filosofia na educação básica brasileira? Kohan acredita que não (2020,p.76), pois percebe tensões irreconciliáveis entre o ensino de Filosofia e a configuração institucional da escola. Os marcos institucionais escolares bloqueariam o verdadeiro pensar filosófico:

Sentimos que o pensar está submetido a condições precisas e fortes na escola. Por isso, chegamos a duvidar se de fato é possível ensinar filosofia – como experiência do pensar filosófico, enquanto filosofar ativo dos sujeitos envolvidos na matéria – numa instituição em que a disciplina, o controle e a sujeição parecem estar muito mais à vontade do que a liberdade e a potência do pensar. (Ibidem)

É como se nossa ideia de escola fosse em si mesma contrária à experiência do pensar filosófico. Tentando pensar saídas para o impasse este pensador propõe que a formação em filosofia se coloque não como uma aula propriamente dita - mas que se torne convite ao pensar dentro do esquema da oficina dialógica-pensante:

O filosofar adquire, assim, um caráter de convite. “Alguém que convida outros a pensar”: isso é um professor de filosofia. Os convidados são os alunos, mas também os textos que ajudam a pensar, que mostram como, quando e onde se coloca um problema; que afirmam criações conceituais que podem inspirar outras criações. É importante notar que o próprio professor deve estar também incluído no convite: com efeito, ele se convida a pensar com seus alunos tanto quanto convida seus alunos a pensar com ele. Sendo a filosofia uma relação com o pensar, uma paixão de pensar (philo-sophía), a presença do professor, ativa e inteira, é principal: o que os alunos aprenderão é também sua relação com o pensamento, sua paixão de pensar e convidar outros a pensar junto. (Ibidem, p. 80)

Para efetivar a tarefa proposta neste convite Kohan propõe um formato que possibilitaria este encontro entre a Filosofia e os estudantes. A oficina do pensamento possuiria algumas vantagens pois “trata-se de pensar cooperativamente, por si e com outros, partilhando um espaço de encontro, de buscar mais, de inquietar-se, de lançar-se numa procura sem pontos fixos” (Ibidem, p.). O próprio convite ao pensar, antes mesmo de se transformar em movimento do pensamento na oficina, já é em si mesmo uma atividade filosófica dinâmica e questionadora, pois diante deste convite temos a opção de aceitá-lo ou não. Aceitar ou não este convite ao pensar já implica um posicionamento e uma resposta filosófica dada ao problema que é o próprio convite.

5 - A Alteridade no cerne da oficina dialógica

Para analisar contextos de intolerância na escola e elaborar um produto educacional que ajude no enfrentamento destas situações faz-se mister uma Filosofia que enalteça a dignidade da alteridade e que fortaleça a intersubjetividade dialogante - nesse sentido a obra levinasiana parece ser bastante viável. Lévinas, mesmo não tendo escrito nada específico para a educação, deixou uma obra pungente que pode funcionar como manifesto contra toda forma de poder e violência que inferioriza o humano e o lança aos ditames do ódio, do preconceito e da intolerância. Nas páginas levinasianas é sempre urgente esse resgate da beleza, da dignidade e da sacralidade humana. E a vida humana só acontece no bojo de sua intersubjetividade, de sua alteridade. A intolerância pode estar relacionada com a tentativa de subjugar e medir o outro, sendo o outro singularidade inefável que não pode ser apequenada pela ideia que fazemos dele:

O eu é inefável, visto que falante por excelência; respondente, responsável. Outrem, como puro interlocutor, não é um conteúdo conhecido, qualificado, captável a partir de uma ideia geral qualquer e submetido a esta ideia. Ele faz face, não se referindo senão a si. É na palavra entre seres singulares que só vem constituir a significação interindividual dos seres e das coisas, ou seja, a universalidade. (Ibidem, p.50)

Lévinas (1997, p.21) critica a ontologia ocidental- ao focar exageradamente no Ser metafísico e não propor também uma ontologia das relações humanas reais. A supremacia do Ser metafísico acabou abrindo espaço para um totalitarismo do ser-aí e o anulamento do aquele-lá. Rompendo a tradição ocidental que estabeleceu desde Aristóteles a Metafísica como Filosofia Primeira Lévinas coloca a Ética como o mais importante e urgente fundamento filosófico. No centro desta sabedoria da alteridade proposta por Lévinas está a noção de rosto: conheço o outro quando encontro seu rosto. No rosto de outrem está sua vida, seu ser, sua história. Encontrar o rosto envolve sempre disponibilidade e responsabilidade. No rosto podemos sentir se a vida está sendo cuidada ou não.

Contextos intolerantes podem ser pensados como mecanismos de negação do outro, quando o outro não é sentido como rosto, mas visto como o não-eu ou qualquer-um. Se vejo o outro como coisa ou instrumento para os meus objetivos, quando não me rendo à sua pura sacralidade, posso cair na totalização do eu - daí emergindo a intolerância como efetivação da tentação de esmagamento do outro: “A tentação de negação total, medindo o infinito desta tentação e sua impossibilidade, é a presença do rosto. Estar em relação com outrem face a face - é não poder matar. É também a situação do discurso”(Ibidem, p.32).

Considerações finais

A Filosofia, ao se arvorar como instância formalizadora do pensamento crítico e do questionamento incessante, sempre corre o risco de ao exercer a dúvida projetar alguma solução dogmática. No caso do ensino-aprendizagem de Filosofia esse risco de oferecer uma resposta dogmática ou moralizante pode ser ainda maior. Diante do problema social, humano e educacional da intolerância o professor de Filosofia pode ser

tentado a oferecer uma resposta altruísta, mas que na verdade também pode funcionar como saída doutrinária e moralizante - mesmo sendo muito bem embasada em argumentos racionais validados.

O mundo aprazível é o mundo da alteridade fortalecida; é o mundo dos diferentes “*eus*”, dos rostos que admiram rostos - é mundo onde ninguém é esmagado por ser quem é. A pequena proposta aqui delineada não quer ser encarada como um ensinamento moral que visa resolver um problema. Na verdade o problema da intolerância é melindroso quebra-cabeças, mas é urgente que algo precisa ser feito para evitar a construção de uma hegemonia. Nem a Filosofia e nem a Pedagogia possuem a bala de prata que pode exterminar esse dilacerante mal, mas podem contribuir no sentido de uma contra hegemonia. A oficina dialógica-pensante aqui esboçada deseja apenas fortalecer linhas de saída que apontem para a necessidade de pensar e construir este mundo como um lugar mais airoso para a vida humana e a natureza.

Referências bibliográficas

ALVES, R. **O corpo e as palavras**. In: BRUHNS, H. (Org.) *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1994.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Cidadania Ativa e Democracia no Brasil**. *Revista Parlamento e Sociedade*. São Paulo. v. 4, n. 6, p. 21-31, jan./jun. 2016.

CARA, D., Pellanda, A., Santos, C. de A., Dadico, C. M., Madi, F. R., Orsati, F. T., Meato, J., Oliveira, L., Aronovich, L., Franca, L., Frossard, M., & Silveira, P. da C. (2022). **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental**. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf. Acesso em 22 jun. 2023

PAZ. Instituto Sou da. **Caso de Cambé mantém tendência de alta de ataques a escolas e mostra necessidade de maior fiscalização de armas de fogo.** 19 jun. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/caso-de-cambe-mantem-tendencia-de-alta-de-ataques-a-escolas-e-mostra-necessidade-de-maior-fiscalizacao-de-armas-de-fogo/>. Acesso em 22 jun. 2023.

CHÉROLET. Brenda. **Educa + Brasil.** 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/brasil-tem-maiores-indices-de-violencia-escolar-aponta-pesquisa-internacional>. Acesso em 22 jun. 2023.

GUIMARÃES, JUCA. **Brasil de fato.** 2010. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/19/escola-sem-partido-professores-sofrem-agressoes-e-odio-em-salas-de-aula-de-sao-paulo>. Acesso em 22 jun. 2023.

KOHAN. Walter. **Como ensinar que é preciso aprender? Filosofia: uma oficina de pensamento.** 2013. Ensinar Filosofia. Vol. II. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52543450/Especializacao_em_Filosofia_II_-_Ensinar_Filosofia-libre.pdf?1491653769=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEnsinar_Filosofia.pdf&Expires=1687465912&Signature=C95V9kb4E8aYQAbDsoH-M2qWON8uJCCs5VjvZ9~hQinmObhFB9NNMW1ZnTDPs2vDB5qG5-YLr6ahbq9L9Oz6VuS3nXcoB3111D7REj~YdtwcyO8oRfGJnaCGAFJYW8RII2TzEdYF5o6FUnUVZYXqKZgSyDhNpY3RPg5Fii7EEy-ls91EqLceVbQ0I8oebITozGfSDB7YTS5V3Et1h0p5kAdo0kQxuuzUISu6kcnaBLcKamBHGfo1XHLFsaBSmSwHpWLeD5D6vaPaxkf6Mnu3O51GqMEVZOA1~HKyv8e6dxasgAu5CVQI3Ww8gueCibrZWiVDGisCKVaexk-NGJtcw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em 22 jun. 2023.

LANGANI. Bruno. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil.** mai. 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/o-que-fazemos/conhecer/pesquisas/control-de-armas/as-armas-do-crime/?show=documentos>. Acesso em 22 jun. 2023.

LÉVINAS. Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade.** Petrópolis: Vozes, 1997.

ROCHA. Matheus. **Folha de S. Paulo**. 12 mai. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/05/professora-e-demitida-apos-deputado-criticar-camisa-com-frase-de-helio-oiticica.shtml>. Acesso em 22 jun. 2023.

PISSARA. Maria Constança Peres. Intolerância, Educação, Cidadania. *Poliética*. São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 160-190, 2019.

